

## Entrevista com Soraya Misleh (ativista palestina radicada no Brasil e militante do PSTU)



— Qual é o atual contexto da luta palestina?

— Há um reanimamento da resistência, em especial diante do processo revolucionário em curso no mundo árabe. Para alguns analistas, a terceira intifada é iminente. O caminho tem sido traçado por novas formas de luta, como a campanha internacional por boicotes a Israel, o levantamento pelos palestinos de tendas na área E1, anunciada por Israel para a construção de 3 mil novos assentamentos ilegais ao final de novembro de 2012, o que formalizaria a já inviável solução de dois estados. Recentemente, outra área também foi ocupada dessa maneira, em Hebron (Al Khalil, no nome árabe), ambas na Cisjordânia. Uma mensagem clara de que os palestinos e palestinas não sairão de suas terras. Nos últimos ataques a Gaza, em novembro último, Israel se surpreendeu com a resistência e foi obrigado a aceitar um acordo de cessar-fogo intermediado pelo Egito após oito dias de ataques. As greves de fome entre os presos políticos palestinos têm se acentuado. É a face progressiva da luta palestina, que tende a se fortalecer, após um período de desânimo inaugurado pós-segunda intifada e o subsequente desastroso acordo de Oslo.

# HÁ UM REANIMAMIENTO DA LUTA PALESTINA

— Qual é a relação da luta palestina com as revoluções no norte da África e Oriente Médio?

— São uma só luta. As revoluções no mundo árabe trazem grandes perspectivas de mudanças na geopolítica da região e na libertação dos povos do jugo de tiranos a serviço do imperialismo. A queda desses ditadores, portanto, é caminho importante rumo à Palestina livre. Não é verdade que esses governos totalitários apoiam o povo palestino, como se propagandeia por exemplo no caso da família Assad, na Síria. Essa é uma falácia que precisa ser desmascarada. Os Assad prenderam em seus cárceres muitos lutadores palestinos, tiveram papel vergonhoso em massacres em campos de refugiados no mundo árabe e Bashar não titubeou em bombardear outro deles, Yarmuk, quando os palestinos se uniram à revolução síria. Palestinos e palestinas em todo o mundo sabem que sua causa é usada como cartão de visitas para esses tiranos e seus regimes massacrarem seu próprio povo. A eles, levantam-se em alto e bom som para dizer: “Não em nosso nome.” Nenhum palestino pode compactuar com a injustiça e opressão de qualquer povo. Uma mudança na região passa por levar esse processo revolucionário até o fim.

— Qual é a sua opinião sobre o resultado das eleições em Israel?

— A grande surpresa foi o equilíbrio entre as forças de centro e as de direita. Mas é importante ter claro que da esquerda à extrema direita sionista, todos

concordam com a existência inquestionável de Israel como estado judeu. Como afirmou o historiador Ilan Pappé, o problema é o sionismo, que, independentemente de suas ramificações, historicamente concordou com o projeto de transferência da população palestina para fora de suas terras e de membros de comunidades judaicas do mundo todo para dentro. O que pode ocorrer é o primeiro-ministro Netanyahu ter que diminuir a radicalização em seu discurso para poder governar junto aos políticos de centro e talvez reabrir o processo de negociações. O que, com certeza, não alterará nada no terreno para os palestinos, pode apenas servir como tentativa para silenciar o descontentamento iminente das massas com a ausência de uma solução justa. Mas, mesmo que essa estratégia dê certo, diante do descrédito em relação ao processo de negociações, acredito que é uma questão de tempo para que os palestinos tomem as ruas novamente.

— Qual é a situação das direções tradicionais palestinas? Fortalecidas? Desgastadas? Por quê?

— Essas velhas lideranças estão absolutamente desgastadas, depois de anos em que a população palestina só vê agravar-se o apartheid a que está submetida, somando-se ao autoritarismo desses dirigentes e ao seu caráter burguês, da Autoridade Nacional Palestina ao islâmico Hamas, muito embora esse último ainda mantenha a resistência a Israel. Os acordos de Oslo garantiram em 1993

a criação da ANP, formada fundamentalmente por membros da Al Fatah, e seu estabelecimento na Cisjordânia, para gerenciar a ocupação. A ANP não tem autonomia de fato. Além disso, há muito essas velhas lideranças abandonaram a resistência e insistem em se colocar como os políticos moderados, com quem o dito Ocidente pode negociar e confiar. Abandonaram a bandeira da OLP, de um estado único democrático e laico em toda a Palestina histórica, com direitos iguais para todos e todas, sinalizando a solução de dois estados – ou um mini estado palestino, em menos de 12% de seu território histórico. Sua última cartada foi o pedido aceito de reconhecimento da Palestina como estado observador na ONU (Organização das Nações Unidas), feito no dia 29 de novembro último. Muitos palestinos, contudo, têm clareza que não passa pela ONU a solução justa, mas pela resistência e revoluções no mundo árabe.

— Existe uma nova vanguarda de lutadores/as palestinas na juventude, etc.?

— Sim. Independente das organizações e partidos tradicionais, essa juventude tem capitaneado as manifestações contra Israel, mas também contra medidas tomadas pela Autoridade Nacional Palestina. Estiveram na linha de frente contra o anunciado encontro em junho de 2012 dessas lideranças com o então vice-premiê israelense Shaul Mofaz, que teve participação nos massacres do campo de refugiados de Jenin, em 2002. Também foram às ruas expressar seu descontentamento com as declarações do presidente da ANP, Mahmud Abbas, feitas à TV israelense de que gostaria de ver o lugar onde nasceu, mas não teria o direito de morar lá, comprometendo o direito de retorno, inegociável e inalienável. Protagonizaram protestos ainda contra a alta de impostos e combustíveis e, logicamente, contra os ataques a Gaza por Israel, em solidariedade às greves de fome de presos políticos palestinos e por sua libertação imediata. Essa juventude com certeza deve impulsionar o movimento rumo à terceira intifada.

— Quais são os desafios atuais da luta palestina? Porque é necessário superar estas direções atuais? Que tipo de movimento e partido devemos construir os trabalhadores e o povo na Palestina?

— O desafio principal é criar uma direção revolucionária que unifique as demandas do povo palestino em sua totalidade.

As direções atuais não contemplam a totalidade dessa população, o que só se dará em um estado único em toda a Palestina histórica, com direitos iguais para todos. Essa será a única maneira de assegurar o retorno dos milhares de refugiados às suas terras e propriedades. O partido ou movimento a ser construído deve se manter independente de governos, uma organização de trabalhadores, amparada na juventude, e, sob uma perspectiva internacionalista e socialista, vinculado a outros ao redor do mundo, que levantem bandeiras contra a opressão, o racismo ou qualquer outra forma de discriminação.

## A causa Palestina em Porto Alegre



O Fórum Social Mundial Palestina Livre (FSMPL), realizado entre os dias 29 de novembro a 1º de dezembro, em Porto Alegre (RS), foi marcado pelas polêmicas com a Autoridade Nacional Palestina (ANP). Algo que se expressou em uma das primeiras atividades do Fórum. Nabil Shaath, comissário de Relações Internacionais do Fatah e representante do presidente da ANP, enfrentou a revolta de um grupo de jovens palestinos que levantaram cartazes com os dizeres: “Eles não nos representam”.

O grupo denunciou a política traidora da ANP como, por exemplo, a recusa da organização em defender o direito de retorno aos mais de cinco milhões de palestinos expulsos de sua terra natal por Israel.

O ponto alto do Fórum foi a realização de uma grande passeata, que reuniu seis mil pessoas no centro da capital gaúcha. A manifestação teve forte presença dos profissionais da educação do estado, representada por uma coluna do CEPRS (sindicato da categoria do estado).

A CSP-Conlutas e o PSTU também marcaram presença no ato, portando bandeiras, faixas e cartazes em solidariedade à luta do povo palestino. A central sindical também participou de várias mesas oficiais do evento, como a Conferência sobre BDS (Boicote – Desinvestimento – Sanções); o painel “Gênero e Resistência”; a oficina sobre “A questão palestina e as revoluções no mundo árabe”, entre outras atividades. No dia 29, na sede do CEPRS, a CSP-Conlutas realizou uma palestra com Sara Al Suri, ativista que luta contra a ditadura síria. A atividade contou com a presença de 150 pessoas.